



Nova cartografia social da Amazônia

Quilombolas da ilha de Marajó

Pará

7



COORDENAÇÃO ESTADUAL DAS ASSOCIAÇÕES DE REMANESCENTES DE QUILOMBOS DO ESTADO DO PARÁ – MALUNGU

Coordenação Executiva

Coordenação de Projeto

Maria Ediléia Carvalho Teixeira

Coordenação Administrativa

José Carlos Galiza

Coordenação Financeira

Gersino Vilhena da Costa

Coordenação de Articulação

Daniel Souza

Coordenação de Gênero

Luzia Betânia Alcântara

Conselho Diretor

Lina do Socorro Freire Leal

Páscoa Alves de Macedo

Deonata Ramalho

Juvêncio Cardoso de Moraes

Grupo de Mulheres e Associações Quilombolas de Salvaterra

Associação Remanescentes de Quilombo de Deus Ajude

Grupo de Mulheres Quilombolas de Deus Ajude

Associação de Quilombolas de Pau Furado

Maria José Alcântara (Presidente)

Associação de Remanescentes de Quilombo de Bacabal

Lina do Socorro Freire Leal (Presidente)

Joelma do Socorro Gonçalves do Nascimento

(Vice-presidente)

Rita de Cássia Santos do Nascimento (1ª Secretária)

Grupo de Mulheres Negras Quilombola Fala Negra

Associação Remanescentes do Quilombo de Paixão

Associação Remanescentes do Quilombo de Salvá

Kildari César de Souza Leal (Presidente)

Associação Remanescentes de Quilombo de Barro Alto

Aurino José Dias da Conceição (Presidente)

Adria de Jesus Dias Nascimento (Vice-presidente)

Maria da Conceição Sarmiento dos Santos (1ª Secretária)

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia

Série: Movimentos sociais, identidade coletiva e conflitos

FASCÍCULO 7

Quilombolas da Ilha de Marajó

Belém, janeiro de 2006

Projeto editorial

Alfredo Wagner Berno de Almeida

(PPGSCA-UFAM, FAPEAM-CNPq)

Equipe da pesquisa

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UNAMAZ/NAEA/UFPA)

Cristiane da Silva Nogueira (NAEA-UFPA)

Rita de Cássia Pereira da Costa (UNAMAZ)

Edição

Rosa Elizabeth Acevedo Marin (UNAMAZ/NAEA/UFPA)

Cartografia e mapas

Adaíse Lopes Gouvêa

Cristiane da Silva Nogueira

Romano Ramos

Projeto gráfico e editoração

Design Casa 8

www.designcasa8.com.br



Sr. Manoel Alcântara – Mangueira

LUZIA BETÂNIA

“Nós iniciamos uma luta, luta esta que temos que estar unidos, nos juntar e lutar, mas lutar pelo território. Território das comunidades quilombolas de Salvaterra. Não podemos pedir, terra por exemplo só para Bacabal. Temos que pedir terras para todos, falar a mesma língua. Temos que nos reunir com frequência para conseguir os nossos objetivos; não é cada um por si e sim cada um por todos, e todos por um que é o território quilombola de Salvaterra.”

Luzia Betânia Alcântara (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Quilombolas da ilha de Marajó, em 10/12/2005)



ADASE LOPES

*Sras. Mariza
Alcântara, Telma,
Maria José, Alaíde,
Alaíse*

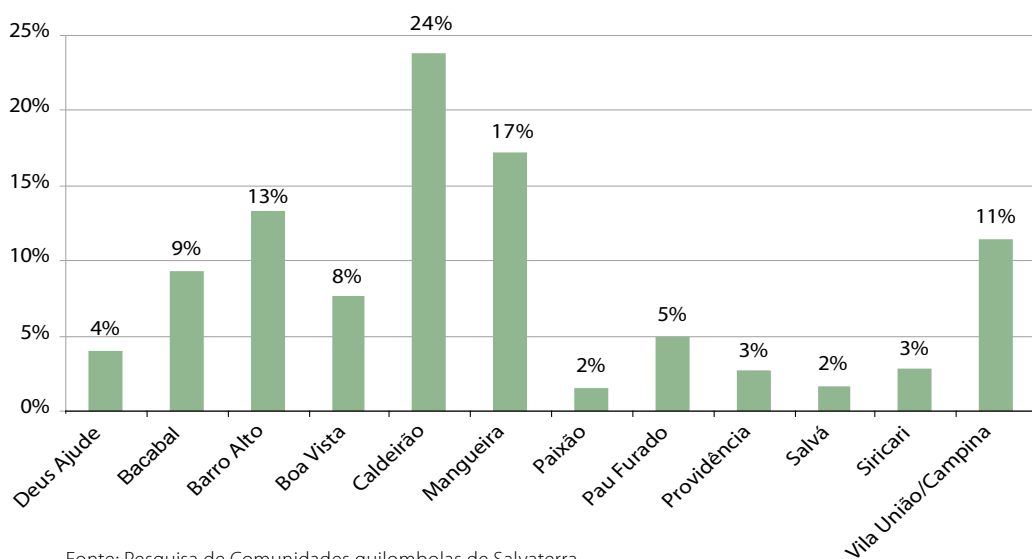
“Eu sou filha natural de Bacabal. Que dificuldades encontramos? Em Bacabal temos 44 anos prisioneiros dentro de um curral. Nossa comunidade tem dificuldade. Isso ocorreu quando venderam o terreno de São Macário. Eu sou negra. Eu tenho orgulho de ser negra. Eu sou quilombola de sangue verdadeiro. E nós sofremos com essa decadência porque não temos terra; precisamos de terra para o plantio. As mães se deslocam para outros lugares para fazer roça. Precisamos uma libertação. E eu falo com razão. No fundo de minha casa, ali sofri uma “bonita” queda com paneiro de farinha na cabeça; foi ali onde está a cerca. E eu passei algum tempo fora, e quando chego lá tem, agora, a porteira; e, agora, tem uma escada. Não é só isso. A fazendeira foi lá, levou polícia e foi quando a comunidade foi jurada de receber uma cerca elétrica. Quando esse pessoal chegou lá, já nós estávamos há muito tempo lá. São 44 anos de cerca. A comunidade está crescendo. Tenham compaixão. As famílias não têm emprego. Nós queremos que nos dêem força. O que nós queremos é o que é nosso. Nós lutamos pelo nosso Brasil. Não queremos ser discriminados. Somos uma comunidade limpa e de coração puro.” Professora Teresa Santos do Nascimento, de Bacabal (Audiência Pública em Salvaterra em 10/05/2005).

Onde estão os quilombolas de Marajó?

Salvaterra é um dos municípios de menor tamanho da ilha de Marajó. As pesquisas indicam a importância dos povoados negros neste município.

Esse número pode estar em pelo menos 18. O processo da territorialização e organização social de Deus Ajude, Caldeirão, Mangueira, Barro Alto, Campina/Vila União, Salvá, Paixão, Pau Furado, Providência, Bacabal, Boa Vista e Siricari, data dos anos 1850 em diante. Entre esses povoados, estabelecem-se laços de parentesco, o reconhecimento de uma história comum e de sua condição de herdeiros da terra. Em 2002, nesses povoados, viviam mais de 2.600 pessoas, o que representava 38% da população rural de Salvaterra.

População de 12 comunidades quilombolas de Salvaterra



Fonte: Pesquisa de Comunidades quilombolas de Salvaterra



ADAÍSE LOPES

Crianças do povoado de Boa Fé/Paixão

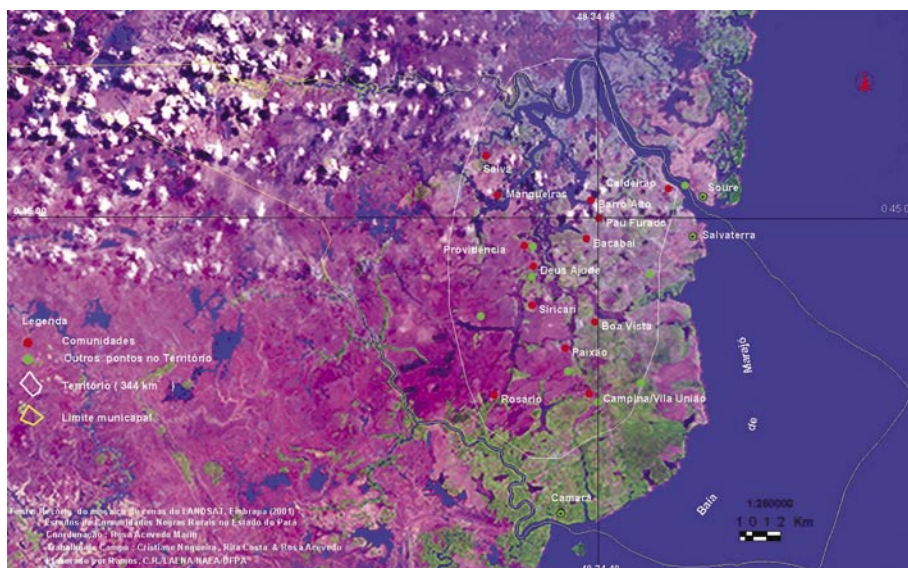
Por que os fascículos regionais?

“Queremos uma cartografia social. Isto é, constar nesta carta como surgiram estas comunidades, este povo; [...] Colocar no mapa localidades, rios, lagos, cemitérios e até mesmo casas que surgiram, após conflitos de terra...” “Qual o direito do povo, onde deve chegar e quando?” Maria da Conceição Sarmiento dos Santos, (Oficina Nova Cartografia Social da Amazônia. Quilombolas da Ilha de Marajó, em 10/12/2005).

Território quilombola em Salvaterra, Ilha de Marajó

No trabalho de campo foi identificado o território quilombola com o tracejado em branco no mapa, este perfaz uma superfície calculada em 33.714ha que engloba as comunidades de Deus Ajude, Caldeirão, Mangueira, Barro Alto, Campina/Vila União, Salvá, Paixão, Pau Furado, Providência, Bacabal, Boa Vista e Siricari. É a área requerida para titulação no município de Salvaterra, conforme processos em tramitação no Grupo Regional de Patrimônio da União – GRPU.

Mapa: território quilombola em Salvaterra



Elaboração da imagem: LAENA / NAEA / UFPA

Encontros de mulheres quilombolas do Pará

Nas comunidades de Salvaterra ocorreram três encontros de Mulheres Negras Quilombolas do Pará: Bacabal (2002), Deus Ajude (2003) e Mangueira (2004), promovidos e com a participação das associações de mulheres e o apoio do CEDENPA – Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará. Nos encontros o ponto central foi relativo às situações de conflitos e ao debate sobre direito ao território.



FOTOS: RITA DE CÁSSIA COSTA



*Profª. Maria da Conceição Sarmento dos Santos
– Barro Alto [no alto a esquerda]*

Profª. Teresa Santos do Nascimento – Bacabal

Profª Raimunda Oliveira – Mangueira [ao lado]

No plano das demandas das comunidades, o fundamental é a terra. Para o movimento quilombola as questões de titulação da terra, de estudo e desenvolvimento de técnicas apropriadas e consoantes com práticas que valorizem seus conhecimentos são prioridades. As comunidades de Salvaterra têm práticas agrícolas, em muito dificultadas pela pressão de fazendeiros e pelos conflitos de terra; outras são pesqueiras e coletoras e/ou complementam estas atividades com agricultura.



*Sr. Lair Alcântara [acima]
Srs. Zeferino, Lino e Carlos Gonçalves
– Barro Alto (pescadores)*



FOTOS: ADALSE LOPES

O território quilombola de Marajó



ELABORAÇÃO: ROSA ACEVEDO MARIN & ADAISE LOPES

- Sede Municipal
- Distrito
- Localidades
- Comunidades mapeadas pelo projeto
- Estrada
- Caminhos
- Drenagem
- Fazendas
- ⛪ Cemitério
- ⚡ Cercas elétricas
- ✖ Cercamento ilegal de povoamento quilombola
- ✖ Proibição de botarem roça

Situações identificadas



*Pescadores de Providência e Deus Ajude
com seus instrumento de pesca*

Entre as atuações mais importantes dos grupos organizados em associações e movimentos está a demanda pelo território quilombola. Esse território, nas várias falas, não pode ser retalhado. As doze comunidades desenham um território que representa suas conquistas desde o século XIX. Eles reconhecem que as perdas de território aconteceram “por que chegou um esperto que comprou uma parte e se apropriou da outra”. Em Bacabal, o Sr. Francisco relatou que “na antiguidade havia uma rampa onde era terra

dos pretos velhos e foi só depois que entraram os brancos”. Neste território inserem os lagos, rios, igarapés, ilhas de vegetação e atalhos que várias gerações têm utilizado para garantir sua sobrevivência material, assim como para recriar seu mundo simbólico. “Terras de pretos velho”, “terras de herança” e “terras de herdeiros” são denominações dessas territorialidade específicas que constituem o território quilombola.



Portão e cercas em Bacabal

Situações de conflito

A tensão entre quilombolas e fazendeiros é uma constante. Essas situações ocorrem por:

- Interdições feitas aos quilombolas de transitar pelos atalhos que são as linhas de comunicação por entre os povoados. O território foi mutilado pelas cercas e porteiros.
- Presença de homens armados que ameaçam os quilombolas. Os empregados da fazenda São Macário exibem suas armas e amedrontam os quilombolas de Bacabal.

Em Mangueira, homens a mando dos fazendeiros impedem a pesca nos rios e lagos. Estes chegam a destruir os instrumentos de trabalho e impedem os quilombolas de acesso aos território de pesca. Em Paixão o fazendeiro cercou todo o povoado e até o campo de futebol ficou encurralado dentro da cerca.

- Construção de cercas elétricas que se estendem por quilômetros. São dois tipos de cerca: para animais com dois fios e com três fios mais estreitas, para impossibilitar a

passagem das pessoas. Deus Ajude está rodeada de cercas elétricas construídas pelo pretense proprietário da fazenda Santa Rita.

- Apreensão de bicicletas dos quilombolas na justificativa de que eles pretendem penetrar na fazenda.

- Destruição das roças pelos animais – búfalos e gado – de propriedade dos fazendeiros. Quilombolas têm sido presos e ameaçados pela polícia quando reagem à destruição de seus roçados.

- Situações em que os fazendeiros impõem o pagamento de um percentual sobre o produto da pesca.

- Proibição por parte da EMBRAPA aos quilombolas de Barro Alto, Pau Furado e Santa Luzia de abrir roças. O domínio, hoje da EMBRAPA, foi retirado do controle das famílias mais antigas dessas comunidades.



Cerca eletrificada na proximidades de Deus Ajude

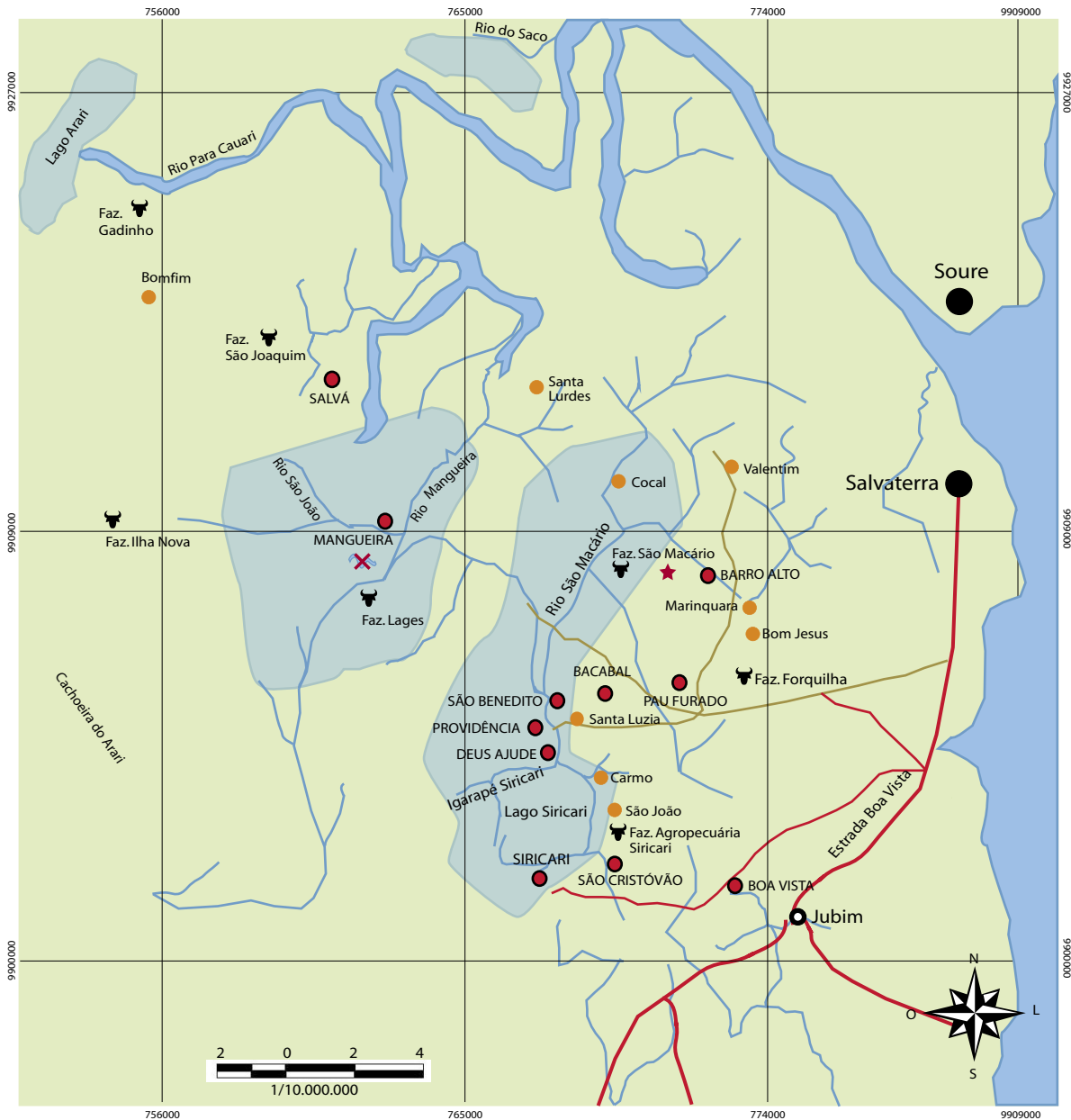


Cerca no povoado de Paixão

Território de pesca das comunidades quilombolas de Salvaterra

Rio do Saco, rio Mangueira, lago Siricari, lago Arari

Localização aproximada dos Territórios de pesca



● Sede Municipal

○ Distrito

● Localidades

● Comunidades mapeadas pelo projeto

— Estrada

— Caminhos

— Drenagem

🐄 Fazendas

★ Vigilância armada

✗ Proibição dos quilombolas terem acessos aos recursos hídricos

Formas de mobilização e Audiência Pública

Na Audiência Pública “Ocupação das terras e águas do Município de Salvaterra”, realizada no dia 10 de maio de 2005, no salão Paroquial de Salvaterra com presença de autoridades civis e eclesiástica, os quilombolas fizeram ouvir sua voz.

... dificuldades (...) estão passando as comunidades com a proibição do uso das terras pela EMBRAPA. Antes, quando era o Ministério da Agricultura, tínhamos liberdade de plantar. Hoje, com a Embrapa, não podemos tirar nem madeira para galinheiros, quanto mais fazer roça. Quando tínhamos necessidade de ir até Soure, era a estrada e o porto para embarque ou desembarque que usávamos. Agora, não podemos. Existe até segurança no porto para impedir. Pela fazenda Forquilha, embora tenhamos liberdade para plantar, mas não sabemos até quando. Queremos solução às nossas necessidades. Queremos as terras que pertenceram aos nossos avós e que também são nossas; que existem desde o rio Paracauari. Maria da Conceição Sarmiento dos Santos

... Em Salvá (...) Nós estamos nessa terra de Salvá há muitos anos, e isso é desde o tempo dos meus bisavós ou mais. O fazendeiro (que eu não quero dizer o nome) nos impede de plantar. No ano passado, nós tínhamos a idéia de fazer uma roça comunitária, que iria dar 10ha e o fazendeiro diz que impediria, que chamaria o IBAMA; o que fez? Ele proibiu e nós ficamos com uma roça pequena. Antes, nós não éramos impedidos. E essas pessoas são de nossa família; eles são nossos primos. Kildari César de Souza Leal

... Bacabal e Paixão, duas comunidades encurraladas por fazendeiros que levantaram cercas e proíbem a abertura de roças. Essas comunidades perdem suas terras, seus cemitérios, com a elevação das cercas. Em Bacabal não é possível que as pessoas enterrarem seus mortos, pois o cemitério ficou preso dentro da cerca. (...) a demora na demarcação das terras quilombolas do Município de Salvaterra, ante essas situações de conflito, preocupa as famílias mais atingidas. Luzia Betânia Alcântara

CONTATOS

Associação de Remanescentes do Quilombo de Salvá

Associação de Quilombolas de Pau Furado

Grupo de Mulheres Quilombolas de Deus Ajude

Associação de Remanescentes do Quilombo de Paixão

Grupo de Mulheres Negras Quilombola Fala Negra

Associação de Remanescentes de Quilombo de Bacabal

Associação de Remanescentes de Quilombo de Barro Alto Salvaterra / Pará

Coordenação Estadual das Associações de Remanescentes de Quilombos do Estado do Pará – Malungu

Caixa Postal 09 – 68404-000 Abaetetuba PA

Associação de Universidades Amazônicas

Travessa Três de Maio 1573 São Brás 66063-390 Belém PA

Telefone 91. 3229-4478 unamaz@amazon.com.br

Projeto Nova Cartografia Social da Amazônia (Fundação Ford)

Série: Movimentos Sociais, Identidade Coletiva e Conflitos

- | | |
|---|---|
| 1 Quebradeiras de coco babaçu do Piauí | 6 Quebradeiras de coco babaçu de Imperatriz |
| 2 Quebradeiras de coco babaçu do Mearim | 7 Quilombolas da ilha de Marajó |
| 3 Quebradeiras de coco babaçu do Tocantins | 8 Quilombolas do Maranhão |
| 4 Quebradeiras de coco babaçu da Baixada Maranhense | 9 Quilombolas do Baixo Amazonas |
| 5 Quebradeiras de coco babaçu do Pará | 10 Quilombolas atingidos pela Base de Alcântara |

REALIZAÇÃO

Coordenação Estadual das Associações de Remanescentes de Quilombos do Estado do Pará Malungu



APOIO



CONAQ

Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas

